

# A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA AS MULHERES E SUAS IMPLICAÇÕES PSICOLÓGICAS

DE OLIVEIRA, K. C.<sup>1</sup>; PETRYSZYN, A. C. A.<sup>2</sup>

## RESUMO

A presente pesquisa tem o foco nas implicações psicológicas no processo de violência doméstica contra as mulheres e leva em consideração o contexto histórico, cultural e social até os dias atuais. O objetivo delimitado é conceituar e explicitar as questões de combate e enfrentamento à violência contra as mulheres, assim como formas de assistências para que os olhares sejam mais voltados a esse grande impasse. É uma realidade que atinge muitas pessoas, devendo ser enfrentada e denunciada, Pode acontecer com qualquer mulher, independente de raça/etnia, classe social, nível educacional, ou religião. No campo ou na cidade, a violência doméstica atinge mulheres de diferentes idades e profissões.

**PALAVRAS-CHAVE:** Violência. Violência Doméstica. Implicações Psicológicas.

## ABSTRACT

The present research focuses on the psychological implications in the process of domestic violence against women and takes into account the historical, cultural and social context until the present day. The delimited objective is to conceptualize and explain the issues of combating and confronting violence against women, as well as forms of assistance so that the eyes are more focused on this great impasse. It is a reality that affects many people, and must be faced and denounced. It can happen to any woman, regardless of race/ethnicity, social class, educational level, or religion. In the countryside or in the city, domestic violence affects women of different ages and professions.

**KEYWORDS:** Violence. Domestic violence. Psychological Implications.

## INTRODUÇÃO

De acordo com o Ministério da Saúde (2001), a violência contra a mulher é uma realidade, independentemente de classe, idade ou região que sempre existiu na sociedade brasileira. Hoje, é uma questão de ordem pública devido ao seu impacto social, no contexto dos direitos humanos, legislação e saúde pública.

<sup>1</sup>Kelly Caroline de Oliveira. Acadêmica do Curso de Bacharelado em Psicologia da Faculdade de Apucarana – FAP. Apucarana - PR. 2022.

<sup>2</sup>Ana Claudia Petryszyn Assis. Orientadora da Pesquisa. Docente Mestre do Curso de Bacharelado em Psicologia da Faculdade de Apucarana. Apucarana - PR. 2022.

Portanto, as estratégias para o enfrentamento à violência contra a mulher devem ser direcionadas a máxima prevenção e proteção das mesmas, levando em consideração o crescente aumento de vítimas. Vieira, Garcia e Maciel (2020) frisam que a sociedade deve ser mobilizada para garantir às mulheres brasileiras o direito de viver sem medo, incluindo a expansão das redes de apoio e fortalecimento das redes informais e virtuais de suporte social, pois muitas vezes são por lá que as mulheres são encorajadas a denunciar e se sentem apoiadas.

## **OBJETIVO**

Realizar uma revisão sistemática de literatura apresentando suas implicações psicológicas da violência doméstica para a saúde da mulher.

## **MÉTODO**

Foi realizada uma pesquisa bibliográfica sobre a seguinte temática: A violência doméstica contra as mulheres e suas implicações psicológicas. Para a elaboração da mesma, o estudo iniciou-se com uma formação teórica sobre o tema, junto ao intuito de elaborar uma pesquisa bibliográfica que tenham bases seguras e teses construtivas sobre a violência que tanto implica na vida de inúmeras mulheres nas circunstâncias atuais, para isso foram utilizadas plataformas como Google acadêmico e Scielo.

## **RESULTADOS**

Aguiar (2009) afirma que somente a partir de meados da década de setenta do século XX que a violência contra a mulher se tornou visível, através dos movimentos feministas. O autor ressalta o início do movimento marcado pela obsessão do poder masculino em diversos e diferentes contextos sociais. Todo o contexto criado a partir dessa questão, abriu espaço ao feminismo para a denúncia de privilégios dos homens em vários âmbitos, designados no mercado de trabalho, nas práticas homofobias, assédio sexual, violência contra a mulher etc.

No Brasil, o tema ganhou visibilidade a partir dos anos oitenta, quando a violência contra a mulher se tornou sinônimo de “violência conjuga” (OLIVEIRA E GOMES, 2009). Segundo os autores, o feminismo conquistou, principalmente, a criação de conselhos municipais e estaduais da mulher por todo o país, como também

as delegacias especializadas. Já na década de noventa, surgem como uma política central de combate a violência, os abrigos destinados às vítimas desse empasse.

Nesse contexto, a violência contra a mulher é amparada por lei há muitos anos, mas é evidenciada por uma ordem social dominante e subordinada de gênero, que ainda possui no pensamento e no comportamento. Todo o processo de legitimação final de certas agressões, especialmente nas relações familiares como uma dinâmica entre homem e mulher, é integral e natural. Se essa “tolerância” quase social ainda ocorre no nível de estupro e agressão física. Quem dirá na violência que não deixa hematomas ou marcas no corpo, a mais silenciosa trata-se da violência psicológica (BASTOS, 2009).

O Ministério da Saúde (2001) ainda informa que as alterações psicológicas geralmente são decorrentes do trauma das ações, por exemplo, o estado de choque que a vítima pode apresentar imediatamente após, podendo durar horas ou dias. Outras alterações podem ocorrer como crises de pânico, ansiedade, medo, fobias, auto reprovação, insegurança, depressão, comportamento compulsivos com álcool e drogas e até mesmo tentativas de tirar a própria vida.

Segundo Oliveira e Souza (2006) a violência psicológica passa a receber menos atenção e reconhecimento na dinâmica social, mesmo que seja quase sempre o primeiro passo no processo de controle e dominação feminina, raramente culmina em agressão física ou mesmo até feminicídio. Seguindo a tendência das políticas públicas, quase sempre há um foco na violência física. Ou seja, os resultados imediatos deixam uma marca visível nos índices de pesquisa e na opinião pública. Enquanto a violência psicológica está escondida em uma dimensão mal descrita, mal discutida e pouquíssimo considerada.

## **CONCLUSÃO**

Os resultados apresentados no presente trabalho expressam o aumento da violência contra a mulher durante o tempo. O contexto apresentado deixa explícito a necessidade de medidas que visam a diminuição da desigualdade de gênero para que assim, a violência deixe de ser um ato punitivo contra as mulheres. No entanto, a pesquisa visa apontar o sentido de que, se essa violência não tiver mais atenção, os números não irão parar de subir.

Constata-se se a necessidade de mais estudos sobre o tema da violência conjugal, por mais que, nos dias atuais, existem diversas campanhas em prol da defesa da saúde e do bem-estar das vítimas de violência, que em sua maioria, conforme alguns dados apresentados, são mulheres. Outra necessidade aparente é a informação, é notável que ainda é presente a dificuldade das vítimas de procurar ajuda, tanto em relação às formas de violência que ocorrem, como em relação ao conhecimento das formas de serviços para atendimento às vítimas. Esse desconhecimento torna-se pior ao se tratar da violência psicológica, pois ainda existe uma negação de que fenômenos como humilhação, desqualificação, críticas destrutivas, exposição a situações vexatórias, bem como desvalorização da mulher, de fato, formas de violência contra a mulher e que, muitas vezes, culminam na violência física.

## REFERÊNCIAS

CUNHA, Tânia; SOUSA, Rita. Violência Psicológica contra a mulher: Dor Invisível. In: **X Congresso Luso-AfroBrasileiro. Sociedades Desiguais e paradigmas em confronto**. 2017. p. 237-244. Disponível em: [https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/enlacando/2017/TRABALHO\\_EV072\\_MD1\\_SA2\\_ID848\\_19062017202106.pdf](https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/enlacando/2017/TRABALHO_EV072_MD1_SA2_ID848_19062017202106.pdf) Acesso em: 11 Jun. 2022

**LEI MARIA DA PENHA.** Lei N.º11.340, de 7 de Agosto de 2006.

AGUIAR, Luiz Henrique. **Gênero e Masculinidade: follow-up de uma intervenção com homens autores de violência conjugal.** Dissertação de Mestrado. Programa de PósGraduação em Psicologia: Universidade de Brasília, 2009.

BANDEIRA, Lourdes Maria. **Violência de gênero: a construção de um campo teórico e de investigação.** Soc. estado., Brasília , v. 29, n. 2, p. 449-469, Aug. 2014

BASTOS, Adriana, Dias, de Assumpção. **Considerações sobre a clínica psicanalítica na instituição pública destinada ao atendimento de usuários de álcool e/ou drogas.** Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicanálise, UERJ, Rio de Janeiro, 2009

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. **Violência intrafamiliar: orientações para prática em serviço.** Brasília, 2001.

OLIVEIRA, Danielle Cristina de; SOUZA, Lídio de. **Gênero e violência conjugal: concepções de psicólogos.** Estud. pesqui. Psicol., Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, dez. 2006.

OLIVEIRA, Kátia Lenz Cesar de; GOMES, Romeu. **Homens e violência conjugal: uma análise de estudos brasileiros.** Ciênc. saúde coletiva, Rio de Janeiro, v. 16, n.5, Maio. 2011.

PIMENTEL, Adelma. **Violência Psicológica nas Relações Conjugais – Pesquisa e Intervenção Clínica**. São Paulo: Summus, 2011

SILVA, Luciane Lemos; COELHO, Elza Berger Salema; CAPONI, Sandra Noemi Cucurullo. **Violência silenciosa: Violência silenciosa: violência psicológica Violência silenciosa: como condição da violência física doméstica**. Interface - Comunic., Saúde, Educ., v.11, n.21, p.93-103, jan/abr 2007

MOROSKOSKI, Márcia *et al.* **Aumento da violência física contra a mulher perpetrada pelo parceiro íntimo: uma análise de tendência**. 3. Maringá: Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Universidade Estadual de Maringá, 2020.

VIGANO, Samira de M. Maia; LAFFIN, Maria Hermínia L. F. **Mulheres, políticas públicas e combate à violência de gênero**. São Paulo, v38, 2019.